



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Guilhermina Andreazza Postali FG193

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.028.SIN-TRA

Entrevistado/a: Guilhermina Andreazza Postali

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries e Susana Storchi Grigoletto

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 18 de janeiro de 1996

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

Participação na Festa da Uva de 1937: local, duração da festa, exposição e estandes de indústrias locais (Eberle, Luiz Antunes), chafariz da praça (jorro de vinho). Hospedagem de turistas e visitantes.

Envolvimento nos desfiles (festas ocorridas antes da II Guerra Mundial): figuração em carros alegóricos, detalhes dos carros, música.

União comunitária para a escolha de Zila Turra como rainha da Festa da Uva.

Tradicional carro dos caçadores: histórias. Carros alegóricos confeccionados pela Randon, Agrale e Clube Recreio da Juventude e criadores.

Participação de bandas de música estudantis no desfile.

Festa da Uva do Centenário da Imigração: rainhas e projeção nacional para Caxias do Sul.

Considerações pessoais sobre a Festa da Uva: importância da cooperação da comunidade.

Primeiras Festas da Uva: Baile da Vindima.

Coral da Terceira Idade: atividades durante a Festa da Uva, episódio do encontro com um grupo de turistas italianos, participação no Carnaval carioca (homenagem da Escola Vila Isabel).

Música: "Mérica, Mérica" (cantada pela entrevistada).

Transcrição:

Sônia: Dona Guilhermina, a senhora está aqui mais uma vez, nós vamos repetir o nome da senhora, a data do seu nascimento...

Guilhermina: É Guilhermina Andreazza Postali, e a data do meu nascimento é quinze, é 1915, trinta de julho.

Sônia: Dona Guilhermina, hoje a gente vai falar sobre Festa da Uva. Eu sei que a senhora gosta muito de Festa da Uva e sempre com a sua família. O que significa pra senhora a Festa da Uva?

Guilhermina: Olha, a Festa da Uva pra mim significa muita coisa, porque eu amo a Festa da Uva. A Festa da Uva, eu acho que foi uma das coisas que mais fez propaganda pra Caxias. Porque, nas Festas da Uva mostrava o que era feito, o que vendiam, o que faziam né, e ficou a... ela foi aumentando ano por ano, ano por ano e sempre com maior propaganda sobre Caxias.

Sônia: Dona Guilhermina, antes... eu vou fazer mais uma pergunta: como é que a senhora e a sua família recebiam os visitantes que vinham pra cá?

Guilhermina: Bom, quanto tinha Festa da Uva, naquele tempo, também, não tinha muitos hotéis assim, e, todas as famílias procuravam convidar os parentes de longe. Então, a gente preparava camas extras e ficavam uns dias na casa da gente. A dona de casa tinha que correr bastante, mas com muita alegria, com muito prazer, que a gente fazia, né? E assim era, um, quer dizer, uma cooperação que a gente fazia com a Festa da Uva, nesse sentido.

Sônia: A senhora falou pra nós, lá no Museu [Municipal], que teve um visitante muito especial que queria... [inaudível]

Guilhermina: Bem, esse aí eu vou falar depois quando eu entrar no negócio de carros. Então, eu vou falar assim: a minha primeira participação na Festa da Uva foi numa festa que teve na Praça Dante Alighieri, que era uma festa de oito dias. Ali nós, moças, muitas moças com trajes típicos muito bonitos, com diversos grupos, o do [Recreio da] Juventude, eram as falenas do [Clube] Juvenil, e a gente ficava lá participando com cestinhas de uva para distribuir aos visitantes e alegrava o ambiente. Ali havia também a exposição junto. A exposição era muito bonita. As firmas faziam estandes muito bonitos e o [Metalúrgica Abramo] Eberle sempre se destacou por estandes muito bonitos na Festa da Uva. Mas o que me marcou foi um estande da Cantina Luiz Antunes. Era feito de uma casinha, ah, toda de garrafa, e era muito original e muito bonito. Ali, também, naquela ocasião teve o chafariz que jorrava vinho e foi batida uma foto, que eu vi lá no Museu, de todas as moças sentadas em roda do chafariz. Uma foto muito bonita da Festa da Uva.

Sônia: Esse chafariz não é o mesmo que tem hoje?

Guilhermina: Acredito que... agora vem água, naquele tempo era vinho. Eu acho que era menor, de certo menor, mas muito bonito.

Sônia: E jorrava o quê?

Guilhermina: Vinho.

Sônia: Vinho.

Guilhermina: Vinho, é isso ali, tá. Bom, ali depois, então, veio o negócio de carros. Eu participei duas vezes. A primeira vez nós fizemos um carro com uma carreta com... eu não sei se era boi ou mulas que puxavam a carreta. Em cima foi botado um monte de feno, que nós chamávamos de meda, que era para... que a gente fazia aquela, que se vê ainda agora nas colônias, aqueles montes de feno grande, pra conservação do feno para ter, para dar para os animais durante o inverno, né? Ali, então, aquela meda no meio do carro e nós as meninas todas alegres, todas faceiras em roda cantando uma música...

Sônia: Que música era, dona Guilhermina?

Guilhermina: [risos] Agora, se eu vou cantar eu não sei se eu vou saber cantar bem, mas, mais ou menos, era assim: *La bella campagnola tutte le mattine, Pena spunta il sole a la montagna, La core svelta per la campagna, (inaudível) l'erba versando-se a cantar.* Assim. Depois o resto, né? Depois, então veio um outro, um outro, uma outra ocasião, um outro desfile. Quem fez os carros foi o senhor Evaristo De Antoni. Era um homem muito inteligente, um grande industrial e um músico também. Ele tinha uma banda de música também. Ele fez dois carros. Uma sombrinha e um guarda-chuva. O guarda-chuva para os rapazes e a sombrinha para as moças. Bom, ali então nós enchemos de uvas e penduramos uvas em tudo que foi lado. Mas quando saímos, que começou a andar, era em cima dos paralelepípedos e a carreta tinha rodas com aqueles arcos de ferro e começou a cair tudo. Mas nós não perdemos a esportiva. Nós pegamos, nós aparamos a uva com as mãos, com os aventais e distribuimos para os visitantes, aqueles que estavam ali assistindo ao desfile. E assim. Bom, depois então parou um tempo, foi o negócio da guerra ou sei lá como é que era. Aí já participou a minha filha, a primeira. A minha filha, começou a participar. Ali que ela participou mais de tudo foi quando... ah, a Comunidade de São Pelegrino, nos reunimos para que a Zilá Turra fosse a rainha da Festa da Uva. Então, a gente trabalhou muito para que ela fosse a rainha do Juventude e depois a rainha da Festa da Uva e, com o nosso entusiasmo, com a nossa torcida e tal ela ficou rainha do Juventude e rainha da Festa da Uva. E as meninas, então, elas depois, aquelas que ajudaram ela, fizeram roupa, nós fizemos roupas muito bonitas de veludo e elas ficaram como se fossem a corte da rainha. Estavam sempre junto com ela, com a rainha da Festa da Uva. Bom, depois dessa também participou, também, outras vezes de carro. Mas quem participou bastante mais foi a mais nova e o meu marido. O meu marido, ele era... organizava o carro, os famosos carros dos caçadores. Bom, ali eles tinham muita gente assim, agricultores que participavam junto com ele.

Eles faziam os carros, faziam mato com árvores e depois, então, tinha o senhor, um tal de... Tomazzoni, que ele tinha, empalhava bichos. Então, ele botava toda aquela bicharada em cima do carro, né? E também eles distribuíam churrasco. Tinha lá, faziam churrasco, distribuíam churrasco. E o churrasco, a carne era oferecida pelo Matadouro Perini, da família do nosso... dinâmico presidente da Festa da Uva, Nestor Perini. E distribuíam vinho, que era oferecido pela Sociedade Vinícola Riograndense. E copos, que eles ofereciam assim, então eram firmas ou então a prefeitura ajudava a comprar alguns, assim e tal. O meu marido fez um bastão comprido e na ponta botou um saco de couro e botava os copos de vinho dentro e ele distribuía por cima do pessoal, assim no desfile. Então era... todo mundo queria, era aquela coisa assim. Bom, ali numa ocasião veio um carioca e ele ficou tão entusiasmado com esses homens do carro dos caçadores, que ele perguntou se ele podia participar e eles aceitaram. Ali todos os anos, ele vinha do Rio para, ah, para participar do carro dos caçadores. E uma vez ele veio com um chapéu mexicano e o meu marido tinha ido pra Bahia e comprou um charuto de meio metro. Ele botou aquele chapéu de mexicano daquele tamanho na cabeça, o charuto de meio metro, ele era gordo, ele era vistoso, calculem a figura! Então, eles divertiam os outros, mas eles se divertiam muito mais, se divertiam muito mais. Bom, numa ocasião, quando chegaram na praça no carro dos caçadores, desceram do carro para oferecer churrasco para o presidente. Então, um foi com o churrasco e o meu marido foi com a faca na mão para que o presidente cortasse um pedaço de churrasco. No dia seguinte nos jornais do Rio de Janeiro, saiu esta nota: o presidente sem segurança, ficou de frente com um cidadão com a faca na mão. [risos] Era uma brincadeira, né? [risos]. Afinal, saiu no jornal isso aí. Bom, ali depois, então, veio a minha filha, a segunda, que participou muito dos carros da Festa da Uva também, porque ela foi candidata a rainha da Festa da Uva.

Susana: Como é que era o nome dela?

Guilhermina: Débora, Débora. Mas ela namorava um rapaz que trabalhava na [empresa] Randon e ele e outros da firma foram encarregados de preparar os carros da Randon. Então, ela e eu junto, a gente ajudava a preparar o negócio das roupas das moças, preparar, escolher as moças que desfilavam. Então, houve um carro muito bonito, que era um globo todo de espelho e uma estrada circundando o globo e as moças assim na estrada. E a minha filha era o destaque lá em cima, coisa mais linda! Aquele carro saiu na capa da Revista Manchete, que naquela época a Manchete era...

Sônia: Famosa.

Guilhermina: Bom, tá. Depois teve outros carros muito bonitos da Randon também que faziam assim: cada estado que eles tinham uma filial era representado pela roupa de uma moça em cima do carro. Então, era uma estrada, por exemplo: o Rio de Janeiro a moça representava, com a roupa, as

calçadas de Copacabana; a outra representava uma bandeirante, que seria São Paulo; a outra com as pedras preciosas, seria Minas Gerais; uma outra índia. E a minha filha representava o Rio Grande do Sul. Então, nós fizemos um vestido muito... um traje de gaúcho muito lindo, branco de seda e ela tinha o chapéu, o cinto, o laço e as botas douradas. Era muito bonito. E eles focaram aquela foto com o fundo da Catedral. Focaram uma fotografia, bateram uma fotografia com o fundo da catedral. Ficou tão bonita que foi feito muitos cartões-postais, e de muitos carros da Festa da Uva foram feitos cartões-postais, muitas vezes. Ali com os carros, era assim: houve uma época em que os carros eram luxuosos, eram de muito luxo porque, entre as firmas, havia rivalidade. Uma queria fazer melhor do que a outra, né? Então, houve uma época em que os carros eram luxuosos assim, né? Quem trabalhava muito com os carros era o senhor Isaac Menegotto, o Dr. [Darwin] Gazzana fazia carros muito lindos e um tal de Edith Hoffman e assim, e muitos outros que faziam também. Bom, uma vez, a Agrale fez um carro assim, como é que se diz, era guindaste que levantava as coisas pra cima e pra baixo, e botaram uma moça dentro de uma coisa como se fosse uma peça de carregar. Botaram ela pra lá e pra cá, por cima do povo. E, botaram também na frente do presidente a oferecer uva. Foi muito original também aquilo assim, né. Um carro do Gazzana também, uma ocasião, ele fez o carro do Recreio da Juventude, porque também nos clubes havia rivalidade. Então, os clubes queriam fazer mais bonito: o Juvenil melhor que o Juventude e o Guarany e aquela coisa. Então, cada um saía melhor, né? E o Gazzana fez um carro do Juventude com umas borboletas azuis, que parecia um sonho. Aquele também ficou um cartão-postal. E vou dizer o que mais sobre os carros? Ah, tem muita coisa pra dizer sobre os carros, né, porque... tem muita coisa. Ali, também, havia desfile das bandas. O [Colégio Nossa Senhora do] Carmo tinha uma banda que ganhou muitos prêmios. O Colégio do Carmo tinha uma banda, o [Colégio] São José e o [Colégio] São Carlos. As minhas filhas participaram dessas bandas, principalmente daquela do São Carlos, que era muito bonita, a banda escocesa. Então, fazia parte também dos desfiles, então, todos ajudavam pra ficar cada vez mais bonito, né? E, por exemplo, quando saiu esse desfile, que o meu marido e as minhas filhas participavam, eu reunia na minha casa, senhoras de idade que não podiam ir assistir à festa. Então, na minha sacada, eu acomodava elas lá, eu servia suco de uva pra elas e elas ficavam lá toda tarde assistindo ao desfile. E, quando passava o carro dos caçadores, eles subiam pra dar churrasco pra elas. [risos]

Sônia: E o que a senhora acha dos últimos desfiles da Festa da Uva?

Guilhermina: Agora?

Sônia: É.

Guilhermina: Agora, então, como houve aquela época dos carros muito luxuosos, acharam por bem, voltar pro original. Eu achei muito boa a ideia. Eu achei ótima, principalmente essa última vez, eu achei uma beleza. Quando passaram lá na Praça [Dante Alighieri], com aquele caixão de fundo e deixaram o defunto lá na Praça, foi assim uma, um estouro de alegria no povo que estava assistindo. Eu achei muito interessante esta parte de fazer, entrar... que vai ser essa vez também, eu acho, a mesma coisa, mais ainda, né? É isso ali.

Sônia: Dona Guilhermina, qual a Festa da Uva que mais lhe marcou, ou todas foram importantes?

Guilhermina: Bom, todas, todas. A que mais me marcou foi a do Centenário, porque a do Centenário a minha filha participou para o concurso, né? E como era o Centenário, foram feitas coisas assim sobre... mais por causa do centenário, assim, né? E teve então, naquela ocasião, teve duas rainhas. Teve a rainha da Festa da Uva e a rainha do Centenário, né? Eu, até, estava com uma certa esperança, porque a minha filha foi apresentada pelo Centro Cultural Ítalo Brasileiro. Ela estava estudando italiano e falavam que precisava falar italiano e coisa e outra. Mas, isso são coisas que quando participam muitas, né, só umas que podem ganhar. É uma grande coisa, eu acho participar. Eu achei muito bonito ela também participar. Então, pra mim aquela foi também uma das...

Susana: Dona Guilhermina, a senhora recebia os convidados de fora, que a família convidava, o que eles comentavam sobre a festa?

Guilhermina: Bom, todos comentavam que gostavam muito da festa. Eu, por exemplo, vou dizer uma coisa. Eu ia muito pro Rio de Janeiro, houve uma época que eu ia muito para o Rio de Janeiro e, quando eu falava de onde que eu era, eu dizia de Caxias “Ah, a Festa da Uva! A terra da Festa da Uva!” A primeira coisa que falavam “A terra da Festa da Uva”. E outra coisa, o Rincão da Lealdade também estava assim dentro da... que é uma pena que não tenha, eu acho uma injustiça que não tenha mais o Rincão da Lealdade nos desfiles.

Sônia: Dona Guilhermina, a senhora ainda participa hoje com o coral, né?

Guilhermina: Bom, então, agora depois de tudo isso ali, que foi uma coisa muito boa, porque eu sempre gostei de participar. Porque eu acho, como disse o presidente nesta semana, que todos, - como a outra vez- “A Festa da Uva somos todos nós”. Então, se não houvesse a cooperação, como teve até agora sempre, dos agricultores, dos industriais, dos clubes, das coisas e o povo todo em geral, não seria uma Festa da Uva. Não seria a maior Festa da Uva, quase a maior, quer dizer, uma das maiores festas que têm no Brasil, né, que é considerada uma das maiores festas do Brasil. Não seria se não fosse todo mundo cooperando. Como vocês estão cooperando aqui, com o negócio do

Museu, né, histórico. Eu acho muito, uma beleza essas coisas que está fazendo o Museu também preservar todas essas coisas que, com o tempo, seriam perdidas, não existiriam mais e com vocês ali trabalhando, guardando e arquivando vai se perpetuar, né? É isso aí! Meus parabéns pra vocês também.

Sônia: Obrigada, Dona Guilhermina.

Susana: Daí a senhora fala, então, sobre sua participação nessa festa?

Sônia: Nas últimas festas, né?

Guilhermina: Mas deixa ver se eu tenho que contar alguma coisa sobre... ainda... Deixa ver aqui... [roteiro] Ah! Nas Festas da Uva, eu também achei muito bonito, em algumas Festas da Uva eles fizeram o Baile da Vindima. Eu achei muito bonito eles fazerem o Baile da Vindima, porque era o baile, geralmente, dos agricultores. Porque no começo da Festa da Uva era da uva mesmo, era da agricultura. Mais tarde é que veio as grandes indústrias pesadas, essas coisas. Mas no começo, era a uva que era o fator principal, né? Então, eles faziam o Baile da Vindima. E nesse baile eles... premiavam aqueles que se destacavam como expositores da uva, né? Então, era muito bonito. Eles lá iam na Festa com suas famílias, com tudo e depois aqueles que expuseram suas uvas, que foram... que foram premiados e, então, recebiam os prêmios, até viagens para o exterior e coisa. Eu achei isso muito bonito que eles fizeram. Não sei se vão fazer ainda, mas eu acho que poderiam fazer sim. Homenagear os agricultores, que eu acho que é muito importante. Porque a Festa da Uva, o nome é Festa da Uva, né? A indústria também está muito... é uma maravilha pra nós e tudo, mas o nome dela é Festa da Uva, né. É isto aí. Pois é! Agora, então, ainda estou participando da Festa da Uva. Eu faço parte do coral da Terceira Idade e temos à frente o carismático maestro Félix Slaviero. Com ele vai mesmo. Na outra festa ele reuniu um coral de mil vozes. Nós não cabíamos dentro da Catedral! Nós cantamos, então, dezesseis vozes, na outra Festa da Uva, em cima das escadarias da Catedral, em todos os desfiles. E na Festa da Uva [pavilhões], todos os domingos de manhã, passávamos em todos os estandes cantando. E depois até no palco também. E agora estamos nos preparando, com todo o entusiasmo, pra cantar de novo. Ele quer... então, ele disse que ele não quer mais só mil vozes, ele quer mil e duzentas por causa dos cento e vinte anos. É! É assim. Bom, eu vou contar uma coisa: o ano passado quando nós estávamos... posso continuar?

Susana: Pode.

Guilhermina: Nós estávamos cantando, lá nos pavilhões da Festa da Uva de manhã, nós começávamos da primeira e íamos até o fim cantando sempre com as autoridades na frente, assim, e até lá onde a gente ia degustar a uva. Bom, passamos lá embaixo, onde tinha indústria pesada da

Randon, da Marcopolo, que é uma coisa extraordinária, né? Bom, ali tinha uma excursão de italianos natos. E nós estávamos cantando, quando passamos perto deles, cantávamos: *E con l'industria dei nostri italiani, Abbiamo formato paesi e città*. Um italiano me pegou pelo braço e ele disse “Vocês estão cantando a realidade. Nós não podemos... é *incredibile* -ele disse- é *incredibile da vedere queste cose* que é fato de *questa* Caxias.” Os ônibus da Marcopolo e a Randon e etc. etc. que tinha por lá. Ficaram tão entusiasmados, que se incorporaram, com o nosso grupo, e vieram junto cantando com a gente até lá onde nós fomos, até lá, terminava lá onde tinha a degustação de uva. E, nesse ano, então, vamos de novo. Vamos de novo. E até sabe o que nós estamos ensaiando? Como esse ano a Vila Isabel do Rio de Janeiro, do carnaval, vai ser o Rio Grande do Sul... a coisa lá, então, nós estamos ensaiando o samba enredo da Vila Isabel. Então, eu estive rindo lá com a nossa turma do coral, eu disse “Veja, veja, as coroas aqui do Coral da Terceira Idade vão cantar a música do carnaval do Rio de Janeiro.” Olha, o que que pode acontecer! Agora, eu digo “E a batucada como é que vai ser?” [risos] Mas alguém, alguém esta fazendo... ou pegar gente mais jovem ali e fazer a batucada. Vocês podem entrar também. [risos]

Sônia: Como é que é este samba? A senhora já sabe?

Guilhermina: Olha, eu não... nós temos a letra pra aprender, pra decorar, pra cantar e tal, né? E quando... vocês podem observar, que vê na televisão né, eles apresentam um, apresentam outro, apresentam outro. Domingo de manhã foi a Vila Isabel, que fala do Negrinho do Pastoreio, ele fala das missões, ele fala, afinal, sobre e, até, no fim diz assim “O gaúcho é herói”. Eu sei que a última fala é que o gaúcho é herói. Então, tu vê, até lá no carnaval do Rio de Janeiro! Tu imaginou que beleza!

Susana: Mais alguma coisa que a senhora quer que a gente pergunte?

Sônia: A senhora sabe toda essa música: *Merica, Merica, Merica*?

Guilhermina: Sim.

Sônia: Canta ela Dona Guilhermina?

Guilhermina: Não! [risos]

Sônia: Eu acho que fica bonito eles colocarem no próprio fundo.

Guilhermina: Será que eu vou cantar? *Merica, Merica*? Então, vamos ver.

Sônia: Eles podem usar o depoimento dela...

Guilhermina: Então, vamos ver se vai sair?

Susana: Vai. O seu depoimento e o fundo a senhora cantando.

Guilhermina: É, ah meu Deus do Céu!

*Da l'Italia noi siamo partiti
Siamo partiti c'o nostro onore
Trentasei giorni di macchina e vapore
E finalmente na Merica noi siamo arrivà*

*Merica, Merica, Merica
Cosa sarála sta Merica?
Merica, Merica, Merica
L'è un bel mazzolino di fior*

*Alla Merica noi siamo arrivati
No abbiám trovato n'è pàglia e n'è fieno
Abbiám dormito sul nudo terreno
Come le bestie abbiám riposà*

*Merica, Merica, Merica
Cosa sarála sta Merica?
Merica, Merica, Merica
L'è un bel mazzolino di fior
La Merica l'è lunga e l'è larga
L'è formata de monti e de piani
E con l'industria dei nostri italiani
Abbiám fondato paesi e cittá.*

*Merica, Merica, Merica
Cosa sarála sta Merica?
Merica, Merica, Merica
L'è un bel mazzolino di fior*

Susana: Viu que bonito!

Guilhermina: [risos] Eu quero dizer mais o seguinte: como diz o nosso presidente, o Nestor Perini, um grande presidente, aliás, que todos nós devemos cooperar com a Festa da Uva, porque a Festa da Uva é de Caxias. Ela trouxe muito progresso pra Caxias. Trazendo progresso, ela trouxe muito trabalho pra muita gente. E, eu acho que temos quase como uma obrigação de participarmos da Festa da Uva, dentro das possibilidades de cada um, naturalmente.

Sônia: Dona Guilhermina, muito obrigada.

Transcrição em: 13 a 16 de maio de 1996.

Por: Sônia Storchi Fries.

Revisão em: 27 de dezembro de 2010, novembro de 2018 e 15 de janeiro de 2025.

Por: Sônia Storchi Fries, Fabiana Zanandrea e Graciela Deon Rodrigues.

Duração: 26 minutos.

Observação: